



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

LYGIA MARIA LESSA BASTOS

(depoimento)

2003

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-62

Entrevistado: Lygia Maria Lessa Bastos

Nascimento: 09/09/1919

Local da entrevista: Restaurante Lamas – Rio de Janeiro/RJ

Entrevistadores: Juliana Santos Costa

Data da entrevista: 10/12/2003

Transcrição: Juliana Santos Costa

Conferência Fidelidade: Juliana Santos Costa

Copidesque: Silvana Vilodre Goellner

Fitas: não há

Páginas Digitadas: 43

Catálogo: Vera Maria Sperangio Rangel

Número de registro: 0914/2004/01

Nº da fita: não há

Observações: Entrevista realizada por Juliana Santos Costa durante a elaboração de sua dissertação de mestrado intitulada “Vozes de mulheres na Escola Nacional de Educação Física e Desportos de 1939 a 1949: ecoando o passado”, defendida em 2004 junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física – Universidade Gama Filho-RJ. Cedeu cópia da entrevista ao CEME em maio de 2004.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

BASTOS, Lygia Maria Lessa. *Lygia Bastos (depoimento, 2003)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2004.

Sumário

As mulheres na Academia Brasileira de Letras; Atuação política da entrevistada; história das eleições e mandatos políticos de Lygia Bastos como deputada federal; relato do primeiro curso de Educação Física pelo Ministério de Educação; aluna do curso de educação física de emergência; aluna e monitoria nas aulas de Educação Física no Instituto de Educação; nomeação para professora da Escola Nacional de Educação Física; nomeação para professora primária; professora de esporte coletivo (voleibol e basquetebol) da parte feminina da Escola Nacional de Educação Física; família e opção profissional; indicação para diretoria do clube Vasco da Gama; vida como atleta de basquetebol e de voleibol e time universitários; vida política e família; incentivo do pai às práticas esportivas; relação do Instituto de Educação com a iniciação na vida esportiva; política nacional e abandono de carreira e defesa da Educação Física com disciplina obrigatória.

L.B. - Eu achei interessante você ter essas informações, essas coisas que foram publicadas assim...

J.C. - Em jornal.

L.B. - Não é tudo, mas já dá pra você ter uma idéia, uma noção. Talvez você não saiba porque as mulheres não entravam na Academia Brasileira de Letras. Resolvi acabar com esse negócio de mulher não poder entrar na Academia. Eu estava defendendo as mulheres, então eu apresentei um Projeto de Lei declarando que a instituição que proibisse o ingresso de mulher não receberia mais subvenção nem auxílio do governo. Eis a entrevista com o presidente da câmara, aqui não fala no meu nome, a não ser que eu sou a autora desse projeto e criticando a apresentação do mesmo.

J.C. - E quem é esse que está falando?

L.B. - Era o presidente, há mais de vinte anos, ele quem fundou a academia.

J.C. - Sem admitir mulheres?

L.B. - Certo. Os outros acadêmicos disseram: “por que as mulheres então não fazem uma Academia pra elas?”.

J.C. - Mas eles tiveram que aceitar as mulheres.

L.B. - Claro. A Raquel¹ foi a primeira. Isso aí é pra você saber a história.

J.C. - Puxa, que bacana!

L.B. - A história é essa. Agora, aqui tem a outra história também, do meu recorde mundial. Você vai conhecer o histórico da minha passagem pelo legislativo. Quis sair em 78. A revista Visão publicou o meu retrato dizendo que se eu ganhasse a eleição de 78, eu bateria

¹ Referência à escritora Raquel de Queirós.

o recorde da Margareth Schimidt, que era americana. Isso era abril, a eleição ia ser em novembro ou outubro.

J.C. - Em relação aos mandatos?

L.B. - Eu ganhei dez eleições. Bati o recorde, ninguém chegou perto de mim da América do Sul. Nenhuma mulher da América do Sul chegou a ter mais de cinco mandatos. No mundo inteiro só a Margareth.

J.C. - A senhora ficou nas últimas?

L.B. - Eu ganhei, mas não entrei para o livro de recordes porque me escreveu uma carta dizendo que política não era profissão e, por isso, eles não me incluíam. Se eu fosse americana, provavelmente...

J.C. - Estaria.

L.B. - Mas como era uma brasileira...

J.C. - É verdade.

L.B. - Por isso que estou mostrando as publicações, alguma coisa pra você ver...

J.C. - Muito interessante.

L.B. - Essa notícia saiu e eu trouxe a folha toda, pra ninguém inventar nada. Como essa gente é muito maldosa... Fiz isso, está vendo? Eu dando essa, não dava a página da revista.

J.C. - Claro, claro.

L.B. - Eu preferi a página da revista porque aí não tem dúvida. A pessoa não pode contestar. Fiz isso porque tem uma turma de esquerda aqui no Brasil que é do contra porque eu era da UDN e fiquei na ARENA com os militantes. Fui a única mulher em

Brasília durante o período inicial de 1975 a 1978 e a primeira representante do Rio de Janeiro.

J.C. - Foi a primeira mulher do Rio?

L.B. - Sim. Aqui do Rio a ser eleita para Brasília fui a primeira.

J.C. - E quando foi? Em que ano a senhora entrou?

L.B. - Fui eleita em 74, aqui está a notícia.

J.C. - 74.

L.B. - Está aqui “primeira mulher a ser eleita deputada federal pelo Rio de Janeiro em 1974” e em São Paulo foi a Ivete.

J.C. - Nessa época não devia de ser comum as mulheres estarem presentes.

L.B. - Não. Eu comecei em 47 como vereadora.

J.C. - Em 47, a senhora já era vereadora?

L.B. - Eu fui perseguida politicamente. Votei no Brigadeiro Eduardo Gomes e a dona Santinha Dutra mandou o Secretário de Educação me mandar para a Ilha do Governador. Era professora formada no Instituto de Educação, onde houve o primeiro curso de Educação Física, do Ministério da Educação. O ensino era teórico e prático e eu tirei o primeiro lugar. Então, fui convidada para trabalhar no departamento nacionalista. Fiquei esperando a minha nomeação, pois terminei o curso de Educação Física em 37.

J.C. - Esse curso? De professor no Instituto de Educação?

L.B. - Eu não fui logo nomeada, porque tinha que esperar. As professoras não eram logo professoras. Elas ficavam fazendo estágio durante um ano. Então, fiquei aguardando sair e passou o ano de 38, quando houve o curso da Educação Física.

J.C. - O de emergência?

L.B. - De emergência.

J.C. - A senhora participou?

L.B. - Eu fiz o curso no Instituto de Educação.

J.C. - Lá era parte das mulheres?

L.B. - Sim, o masculino era na Urca. Então, tirei o primeiro lugar na parte prática e o segundo lugar foi Ivete. Depois, fui convidada pra ser professora da Escola Nacional de Educação Física que foi fundada logo em seguida. Fui trabalhar com o major Ignácio Rolim, se não me falha a memória.

J.C. - Era...

L.B. - Ele era o diretor e me chamou para trabalhar. Então, fiquei trabalhando de graça, pois ninguém estava recebendo ainda porque os pagamentos atrasaram e todo mundo recebeu apenas no fim do ano. Todos os professores trabalharam esses meses todos até liberarem a verba, o que só aconteceu no fim do ano. Quando liberaram a verba para eu receber, saiu a minha nomeação de professora primária e, então, optei pelo cargo de professora primária porque era efetiva e contratada pelo Governo Federal. Eu fiquei aqui, mas terminei as minhas alunas. Você vai ver fotografias minhas dando aulas no Fluminense, pois dei aula no clube.

J.C. - A senhora deu aula de que cadeira?

L.B. - Esporte coletivo.

J.C. - Esporte coletivo?

L.B. - Vôlei e basquete. Tênis era o Gonçalves.

J.C. - Do masculino?

L.B. - Ele era o catedrático e eu era da parte feminina. Quando eu comece indiquei a Ivete Mariz para ficar com a parte prática porque ela não era de parte mais teórica. Ela vivia na praia, entendeu? Ela era dessas moças mais liberadas e eu morava com a minha família. Eu não estava liberada nessa época, mas ela, que jogava muito bem na prática, tirou o segundo lugar. Ela faleceu há pouco tempo e era minha amiga porque nós continuamos a nos encontrar naqueles almoços, onde você me conheceu. Ela compareceu nos outros anos. Não nos víamos fora disso, porque não tinha muita amizade assim particular. Isso eu tinha mais com a Fernanda Beltrão, amiga da Maria Lenk, que foi diretora da Escola. Fui eu que indiquei, quando era Deputada Federal. Eu achei que a Maria Lenk tinha que ser diretora da escola, pois ela tinha muitas qualidades. Na comissão especial de Educação Física que presidi levei a Maria Lenk para ficar do meu lado depois chamei os outros deputados presentes. Entendeu?

J.C. - Entendi.

L.B. - Estou dizendo a você, contando a influência que eu exerci enquanto deputada. Eu quis fazer tudo pra ser justa e achei que a Maria Lenk merecia o cargo.

J.C. - Não. E foi ótima. Foi a primeira mulher diretora.

L.B. - E a Fernanda? A Fernanda veio do Ceará. A irmã dela tinha sido minha colega no curso de emergência.

J.C. - A Angélica?

L.B. - Não, a Angélica não era de Educação Física. A Angélica estava lá, mas não era, foi uma outra.

J.C. - Eu acho que era prima dela.

L.B. - Não. Uma irmã veio e fez o curso de emergência comigo e foi para o Ceará.

J.C. - Voltou pra lá?

L.B. - Não ficou aqui e ainda está por lá, entendeu? Não está nem aqui. Não ficou morando aqui. Essa eu não me lembro muito, porque eu não tive contato e, depois, ela foi embora quando acabou o curso. Eu fiquei aqui e fui lecionar na Escola Nacional. Eu só estou te dando o currículo porque em alguma documentação que está aqui você pode ver que está escrito. Está tudo certo.

J.C. - Entendi.

L.B. - Agora, as fotografias, eu vou mostrar a você depois, quando a gente terminar de comer. Eu vou te dar isto também.

J.C. - Muito obrigada.

L.B. - É apenas uma lembrança. Vamos almoçar, comer qualquer coisa para ferrar o estômago. Depois a gente conversa.

L.B. - E atletismo? O Fluminense estava muito adiantado em atletismo. Tinha a Crisca Jane. Meu pai foi diretor do Vasco e eles quiseram que eu fosse diretora do setor feminino do Vasco. Eu jogava voleibol com o Tijuca, pois não tinha futebol. Eu fui dirigir o Vasco. Então, organizamos uma equipe de alunas minhas e a Selma, que está doentinha, ganhou do Fluminense. Foi o primeiro ano que o Fluminense deixou de ser campeão.

J.C. - O Fluminense foi praticamente o pioneiro dos esportes.

L.B. - Foi pioneiro.

J.C. - Nas primeiras modalidades e as primeiras mulheres.

L.B. - Eu era professora da Paulo de Frontin e completava horário no Instituto, quando a dona Santinha me mandou pra Ilha do Governador para ensinar pra quinta-série primária repetente na escola Abelardo Feijor. Fui ensinar o currículo do ensino primário porque eu estava fora já há oito anos fazendo Educação Física. Tinha então vinte e seis anos, oito anos de formada. Eu estava sempre na Educação Física fazendo curso. Ela fez isso comigo porque adoeceu o Hermes de Lima. Quem leu a mensagem fui eu e ela me transferiu para lá... Com isso, a história da minha casa com dinheiro dos meus pais. Podia incluir meu nome? Papai disse: “Olha, você pode botar o nome dela, mas a minha mulher não quer”. Mamãe dizia: “eu sou contra ela ir pra política, pois vai se aborrecer muito. Eu não quero”. Então, papai disse: “não pode botar porque ela não vai entrar. Ela vai ter dois mil e poucos votos porque eu sou professor do colégio militar e meus alunos vão ajudar. Ela tem amigas no Instituto, tem as alunas, mas isso não vai ser muito voto. Já tem o Carlos Lacerda candidato, Adalto Cardoso, Luiz Paes Leme...”

J.C. - Isso foi na primeira vez?

L.B. - Foi em 47. A eleição pra presidente foi em 45. O Dutra ganhou. A Dona Santinha fez esse ato de me mandar pra Ilha. Fiquei em 46 na Ilha.

J.C. - Nessa época, a senhora era professora dessa escola?

L.B. - Era da Abelardo Feijor, uma escola primária.

J.C. - Que era na Ilha do Governador? Na Escola de Educação Física, a senhora chegou a dar apenas um ano de aula?

L.B. - Eu dei um ano.

J.C. - Esse primeiro ano...

L.B. - Até o final, quando tomei posse e não recebi pagamento.

J.C. - E não recebeu?

L.B. - Não recebi porque não podia acumular. Naquela época, não podia acumular.

J.C. - Mas podia ter recebido pelo o que tinha trabalhado...

L.B. – Não, eu perdi.

J.C. - Nossa!

L.B. - Meu processo estava correndo desde aquela época. Quando me formei, ele já estava esperando chegar a minha vez de ser nomeada.

J.C. - Entendi. Depois, com a Educação Física, especificamente dando aula, a senhora não trabalhou mais?

L.B. - Não. Porque eu fui eleita.

J.C. - Continuou sendo atleta?

L.B. - Fui eleita vereadora.

J.C. - Em 47?

L.B. - Mas logo depois que eu fui perseguida fui eleita na primeira eleição. E fiquei por dez eleições. Larguei, mas antes...

J.C. - E antes?

L.B. - Antes eu trabalhei oito anos em Educação Física. Prática mesmo quase de oito anos. Eu não larguei a Educação Física. Fui diretora do Vasco, mesmo dando aula lá no clube. Jogava pelo Tijuca e inaugurei o Pacaembú em 39. Porque, eu formei com o Melo Júnior, que era do Jornal do Esportes. Tinha uma coluna lá e gostava muito de mim. Então, o Léo Dalto dos Santos, do Tijuca, que era filho de um dos diretores, o professor Dalto Santos, conhecido no Instituto. O filho dele começou a me ajudar e depois foi nosso treinador.

J.C. - Entendi.

L.B. - Eu era capitã da equipe e nós formamos um bom time. Conseguimos umas dez moças que quisessem jogar. Nós praticávamos basquete, mulher com mulher. Em quatro tempos, não podia encostar no corpo, nem podia bater.

J.C. - Não podia?

L.B. - Não. As paulistas treinavam com homens, pois lá, naquela época, o clima era mais favorável do que o nosso aqui. Eles treinavam vendo. Aqui era difícil, um calor danado no verão.

J.C. - Entendi. Elas acabavam que se desenvolviam um pouco mais.

L.B. - Elas ganharam. Na inauguração do Pacaembú só houve uma coisa: nós fomos de trem para São Paulo. Quando chegamos lá tiramos a roupa e tal... Entrei e a capitã apitou e eu saí. Me deu uma coisa e eu joguei uma bola de gancho que entrou. Dois a zero cariocas. Levei uma vaia tremenda, de arrepiar. Nunca pensei que uma vaia, ao invés de aplausos, eu levei vaia.

J.C. - Deve ter doído, porque vocês estavam em São Paulo.

L.B. - Fomos jogando e vendo que elas eram muito mais rápidas. Nós perdemos, mas não foi...

J.C. - Saíram na frente.

L.B. - É. Saímos na frente.

J.C. - E com uma cesta bonita, pelo visto de gancho. [risos]

L.B. - Era o jeito. Eu estava acuada e tive sorte no lance.

J.C. - Que bacana.

L.B. - Algumas pessoas, poucas do meu tempo, quando começaram a ver que o Vasco ia crescer com o aparecimento dessas campeãs: “Lygia, você lembra, sabe que eu olho para cara de você jogando e lembro de você jogando” Hoje em dia elas fazem, são profissionais.

J.C. - Vivem pra isso. É trabalho mesmo.

L.B. - Nós éramos amadoras e elas não eram. De manhã à noite, elas iam fazer exercícios. Nós não, tínhamos que dar aula e depois treinávamos.

J.C. - Mas, foi assim que começou, que despertou interesse e oportunidade para as pessoas, pra as mulheres...

L.B. - Você sabe que no outro dia eu vi na televisão uma asneira enorme. Eles falam que de cinquenta e tanto pra cá é que houve... Não é verdade! Eu jogava em 37. Em 36 eu jogava. Em 35, o Instituto de Educação tinha torneios escolares, entre as escolas. Nós jogávamos voleibol contra o Lafaiete no torneio entre as escolas.

J.C. - Esse Lafaiete, era uma escola bem famosa da época, não era?

L.B. - Era a melhor escola particular em esportes, depois o Metropolitano.

J.C. - Metropolitano?

L.B. - Metropolitano fica lá no Méier. Eles eram bons em atletismo.

J.C. - É mesmo?

L.B. - Em atletismo naquela época. Agora é voleibol. O que tinha naquela época era o Tijuca, o Fluminense, o Vasco. Quando fui pra lá, nós ensinávamos e eu joguei pela CURJ, Clube Universitário do Rio de Janeiro. Tem fotografia minha que mostra que eu já era atleta.

J.C. - Era Clube Universitário de quê?

L.B. - Do Rio de Janeiro. As Universidades naquela época formavam um clube. Precisavam ter uma equipe pra jogar. Então, eles solicitavam o Tijuca, por exemplo e pedia para jogar por eles em determinada ocasião. Fomos campeões em Cambuquira, uma estação de águas em Minas, nesses torneios interestaduais. Fizeram um torneio, nós, do Tijuca, fizemos o jogo de inauguração. Eu guardo muitas fotografias daquela época. Tem uma que me mostra andando a cavalo no hotel. Eles perguntaram se eu queria andar a cavalo. Não faz muito tempo, encontrei com a minha levantadora no Instituto de Educação. A Cibele, uma aluna do Instituto, levei pra jogar comigo no Tijuca. Ela ainda está viva. Eu já estou com oitenta e quatro anos, mas ela deve estar pelos oitenta. É mais moça que eu. A Telma que era minha aluna.

J.C. - Isso que eu ia perguntar. Daquelas mulheres, alguma chegou a ser sua aluna?

L.B. - Algumas.

J.C. - Quem entrou na turma da senhora deve ter entrado então em 40...

L.B. - Mas, eu não.

J.C. - Não na Escola de Educação Física?

L.B. - Não. Eu lecionei no Instituto de Educação. Eu era aluna do Instituto com dezesseis anos. Aluna ainda, pois não me formado. Os professores de Educação Física eram quatro. Era o Everardo, homem, a dona Margarida, que fazia mais danças, a dona Lucia e a dona Dagmar que faziam esportes de um modo geral, como voleibol. Eles me convidaram para ser monitora e me deram uma carteirinha. Eu ganhava um dinheirinho.

J.C. - Para ser monitora da escola?

L.B. - Tanto que eu contei esse tempo de serviço para me aposentar. Depois de um ano, eles me fizeram passar pra auxiliar de ensino. Eu fui auxiliar de ensino de Educação Física no Instituto de Educação em 37.

J.C. - Foi em 37 que a senhora terminou?

L.B. - Eu terminei, mas continuei aguardando a minha nomeação pra fazer o curso de 38. Então, de 37 a 38.

J.C. - Ficou trabalhando no Instituto de Educação?

L.B. - Trabalhei no Instituto já como auxiliar de ensino. Mas já estava formada. Fui auxiliar de ensino e professora da Tônia Carreiro, entendeu? Desse grupo que está por aí.

J.C. - Então, o curso de emergência foi em 38. A senhora lecionou em 39.

L.B. - Eu lecionei logo em 39, quando eu fui até inaugurar Pacaembú. Era professora e jogava com os alunos. A Selma jogava no mesmo time. Eu entrava em campo com ela. Elas disseram que entraram para Educação Física por influência minha. Elas gostavam tanto de mim. Viram como eu trabalhava e quiseram seguir.

J.C. - Depois a senhora continuou no Instituto de Educação dando aula? Logo depois, quando foi nomeada pelo Estado?

L.B. - Continuei até ser eleita. Eu continuei completando até ser nomeada pra participar do tal departamento nacionalista que promovia uma parada no dia quatro de setembro para Getúlio Vargas, na época da ditadura. Eu comandava por apito. Invenientei uma coisa: que cada apito tinha um significado. Era direita, esquerda, frente, virar, levantar o braço...

J.C. - O pessoal conhecia os códigos.

L.B. - Nós fizemos os códigos. Na Avenida Rio Branco eles pararam em frente ao palanque e apitaram. Eu fiz também. Desfilei duas vezes. Desfilei com a Educação Física

primeiro e depois eu saí, me desliguei da Maria Lenk, do grupo todo e adeus. Fui encontrar a minha escola, que estava concentrada e reunir com o apito, entendeu? Eu acumulei sem receber nada.

J.C. - Entendi.

L.B. - E depois, você pergunta o que você quiser porque você já tem aí o meu currículo.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]²

L.B. - Em relação ao caso de Jânio Quadros, ele foi obrigado a sair. Tanto que quem assistiu na televisão, viu que ele foi em um carro com dois policiais do lado, armados de carabina. A pessoa que renuncia, sai espontaneamente. Vai embora para onde quiser. Eu achei estranho quando disseram que ele ia para viajar. Ele tinha um olho de vidro e de seis em seis meses ia fazer exame. Eu então fui no cais para falar com ele. Eu tinha feito um trabalho para ele. Porque a minha experiência de vereadora, no quarto mandato com participação na constituinte da Guanabara, me deu uma força pra chegar lá e enfrentar aquelas feras que já estavam lá há dois, três ou quatro mandatos. Aliás, você sabe, infelizmente recebia cartas até de advogados tão mal escritas que apresentei um projeto tornando o ensino de português ser obrigatório nas faculdades. Meu projeto acabou sendo arquivado.

J.C. - Errado e em qualquer profissão tem que estar o português tem que ser prioridade.

L.B. - E os parlamentares não faziam nada. Tem uma assessoria na Câmara que tem diversas pessoas que redigem bem, alguns jornalistas e escritores técnicos.

J.C. - E a senhora ficou lá quanto tempo?

L.B. - Fiquei lá dois mandatos.

J.C. - Ficou morando lá o tempo inteiro?

L.B. - Não. Não morei, eu vinha pra casa. Não aceitei o apartamento porque era muito grande. Quando eu cheguei e vi o apartamento de deputado, com duas suítes...

J.C. - Nossa.

L.B. - Mais quartos, dois salões. O salão era isso aqui. Isso tudo era um salão, já todo mobiliado. Eu disse: “eu não vou ficar aqui não, saio de manhã da Câmara vou estudar na biblioteca e só volto à noite. Qualquer dia roubam tudo e aí?” Eu fui para hotel. Fiquei no Torre Palace Hotel. Na sexta-feira, no fim do dia, pegava um avião e vinha. Minha mãe tinha falecido, mas o meu pai estava doente e o meu irmão estava morando com ele porque eu tinha que ir para Brasília, mas eu tive muita decepção.

J.C. - É mesmo...

L.B. - Eu quis abandonar e só não larguei por causa daquela notícia que saiu na revista Visão. Eu ia bater o recorde mundial se ganhasse em 78. Meu pai morreu em 77. Não iria entrar mais disputar a eleição, de jeito nenhum. Os dirigentes do partido disseram: “Uma brasileira chegando lá, batendo o recorde”. Eu entrei, mas não fiz trabalho nenhum. Não gastei um tostão. Deixei só o meu nome circular. Fui eleita e seria eleita outra vez na seguinte. Porque quando eu desisti, não quis mais, entraram mais dois, além de mim. Com o número que eu tinha eu entrava.

J.C. - Entendi. O seu pai devia de ficar orgulhoso, de você.

L.B. - Eu agüentei até ele morrer por causa dele. Porque ele tinha orgulho e gostava de mim. Eu quis largar, ameacei renunciar, mas o médico me chamou e disse: “seu pai vai morrer se você renunciar”. Eu iria renunciar porque não concordava com alguns atos cometidos.

J.C. - Divórcio saiu em 77, não foi?

² A entrevista é interrompida por alguns minutos para o almoço

L.B. - Eu era presidente. Fui presidente dessa comissão. Eu, sendo deputada, presidi senadores. O Nelson Carreiro era o autor. Ele queria que eu adiasse a votação. No plenário da Câmara pude votar a favor.

J.C. - Entendi.

L.B. - Entendeu? Eu não era presidente, era uma deputada. Quem era presidente, era o presidente da Câmara. Eu votei a favor e justifiquei o voto.

J.C. - É claro e devia de ter muito?

L.B. - Muito. No episódio da reforma do judiciário o Teotônio Vilela saiu da sala junto com o Bernardes.

J.C. - Nossa...

L.B. - O povo não sabe. Votei contra.

J.C. - Votou contra?

L.B. - Votei contra. Peguei o avião, voltei para cá e disse para o meu irmão: “telefonou a dona Ana Kury, diretora da rádio não sei o que” me deu o nome “você está na lista de cassação” Eu digo: “eu sei”. Devia estar informada de tudo. “Deixa, deixa eu botar no ar”. “Não, não quero que papai ouça. Meu pai não pode ouvir do quarto, bota bem baixinho, me sentei pra ver a minha cassação. A noite entrou, veio o Geisel e falou: “nós não fechamos a questão”.

J.C. - Ministro ou deputado?

L.B. - Um deputado votou contra. Nós não fechamos, quem fechou foi o outro lado. Eles ganharam, apesar de eu ter votado contra. Os infiéis do PMDB e essa turma de esquerda, muita gente saiu da sala. Fazer a vontade deles, eles compraram o lugar, o emprego.

J.C. - Eles não votaram, mas se ausentaram.

L.B. - Então, deu número.

J.C. - Ia votar como?

L.B. - Pois é, não houve número necessário.

J.C. - Agora, se todo mundo tivesse ficado pra votar, poderia ter sido diferente.

L.B. - Hoje é a mesma coisa. É pior até.

J.C. - Isso é uma tristeza. O nosso país não anda.

L.B. - O Lula está comprando deputado e senador aos montes.

J.C. - Isso é muito triste. Ainda mais pra uma senhora que viveu nesse meio.

J.C. - Caramba! Deve ser bem complicado mesmo. Deixa eu ver as fotos.

L.B. - Vou te mostrando. Olha aqui.

J.C. - Que legal, cadê, quem é a senhora?

L.B. - Aqui.

J.C. - Reconhece?

L.B. - Aqui.

J.C. - Era alta.

L.B. - Essa é do CURJ, o Clube Universitário do Rio de Janeiro. Eu estou aqui, a Cibele é essa.

J.C. - Esse era o uniforme de jogar? De saia?

L.B. - É, esse nós jogávamos assim.

J.C. - De saia?

L.B. - Naquela época, aqui já era o do Vasco, aqui era do Tijuca.

J.C. - É do Vasco, não é?

L.B. - É do Vasco? Vê se é do Vasco, aqui é do Tijuca.

J.C. - É do Vasco.

L.B. - Aqui é o time de basquete. Olha eu aqui, eu estou aqui na ponta. Isso aí é tudo da Educação Física. A dona Luzia que foi professora. Aqui são nossos professores.

J.C. - Os professores.

L.B. - Lá na Escola Nacional nós estávamos... Aqui é voleibol, olha a Selma aqui. Aqui o time, quadro de basquete mil novecentos e...

J.C. - 42.

L.B. - É você vê, eles dizem que isso não existia.

J.C. - Pois é a comprovação.

L.B. - Se quiser, a gente tira até uma foto. Olha o Tijuca. Aqui é do Vasco, a turma de atletismo. Isso, aqui, a Selma, aquela que você viu, que era minha aluna. Essa aqui é a

Henriete. Esse time era do Instituto de Educação. Pena que eu não escrevi. Isso aqui é do Tijuca. Olha aqui! Isso aqui é do Tijuca. Isso aqui foi São Paulo, Pacaembu, nosso uniforme.

J.C. - Aquela inauguração?

L.B. - É. Aqui já é Escola Nacional de Educação Física. Aqui Ivete, eu, essa daqui também era professora, é dona Luzia, morreu já. Ela que foi a professora do curso de emergência.

J.C. - E ela foi professora do curso de emergência?

L.B. - Foi Aqui essa fotografia é...

J.C. - É está mais clara...

L.B. - Ela foi nossa professora. Depois eu fui professora junto com ela, eu e a Ivete.

J.C. - Essas eram alunas?

L.B. - Eram as alunas. Aqui sou eu com as minhas ex-alunas. Essa era uma doutora e aqui, eu dando aula. Eu dando aula e aqui eu sou aluna do Instituto. É o nosso time.

J.C. - No Instituto, eram professores homens ou eram mulheres?

L.B. - Homem e mulher.

J.C. - Porque só tinham mulheres na escola ou tinham homens dando aula também?

L.B. - Tinham dois homens e uma mulher. Agora aluno não tinha nenhum homem.

J.C. - Não, só mulher.

L.B. - Entraram depois. Isso aqui foi uma jornalista de Santos que veio nos entrevistar. O Fluminense, a minha equipe, estava disputando e ganhou. Essa aqui é a jornalista, a Yara. Você conhece a Yara?

J.C. - Conheço. Eu entrevistei já ela.

L.B. - A Yara me entrevistou na TVE. Isso aqui é a entrevista dela.

J.C. - Eu tenho uma fita dela dessa.

L.B. - Ela aqui estava me entrevistando. Eu estava falando da questão da respiração. Tudo isso, ela que mandou pra mim.

J.C. - A Yara foi da turma de...

L.B. - Ela foi depois que eu saí. Foi aluna junto com a Marininha.

J.C. - Foi.

L.B. - Aqui está a Yara. Eu estava dizendo a ela que o brasileiro não sabe respirar. Aqui eu era do CURJ. Tiraram foto comigo, porque o jornal dos esportes fez um torneio com o meu nome. Aqui, eu estava como professora já de Educação Física. Eles quiseram bater foto. Aqui eu estou com a Maria Lenk e com os professores. Maria Lenk está aqui e eu estou aqui. Dia da raça. O Getúlio, aquela coisa de...

J.C. - Eu gostaria de tirar uma cópia de algumas fotos.

L.B. - Então, você escolhe. Eu trouxe pra você escolher. Aqui é aquela que tem a data. Aquela que eu tirei, que está misturada, que tem a data. É a que eu separei, depois eu pego, que talvez interesse a você tirar cópia pra mostrar.

J.C. - Eu quero para botar em transparência também.

L.B. - Escolhe e vai separando.

J.C. - Me ajuda. Me ajuda a separar.

L.B. - Não. Você vê o que você quer. Eu digo o que é.

J.C. - A que interessa mais diretamente pra minha pesquisa é essa da Escola de Educação Física. Mas, as de quando a senhora era atleta do Vasco e do Tijuca também são legais e interessantes. Essa aqui a senhora era atleta? Essa aqui também está bem interessante, mostra o desfile. Essa aqui já está mais recente.

L.B. - Nessa, eu já era professora.

J.C. - Deixa eu pegar uma dessas daqui também. Qual que a senhora acha que está melhor?

L.B. - Não sei. Você que sabe. Pode escolher com calma.

L.B. - Não eu estou dando uma entrevista aqui. “Professora de Educação Física está fazendo trabalho”. É um dos donos daqui. Ela está escolhendo a fotografia para tirar cópia do meu tempo. Olha, eu aqui com a Maria Lenk.

L.B. - Deixa eu ver. De onde é isso? Ah, esse aqui é o time de basquete?

J.C. - Esse aqui é do Vasco. Esse aqui é do Universitário. Esse aqui é da onde?

L.B. - Esse é do Tijuca. É o time de basquetebol.

J.C. - É o mesmo time dessa daqui.

L.B. - Voleibol, voleibol, basquete, esse aqui é o vôlei!

J.C. - O que é mesmo esse aqui?

L.B. - É Tijuca. A turma está aí.

J.C. - Então, qual que a senhora acha mais bonita? Essa aqui que está maior?

L.B. - Tira! Quer tirar? Era campeã em tudo: lance livre, como você poderá ver depois no jornal, ping-pong, tem aquela foto da mesa. Depois, veio tênis de mesa e eu também fui campeã no Rio.

J.C. - Caramba! A senhora estava envolvida em bastante atividades esportivas.

L.B. - Tudo que aparecia eu fazia.

J.C. - Que legal! Deixa eu perguntar um pouquinho pra senhora. Como é que foi o início, quando a senhora ainda era aluna do Instituto de Educação e começou a trabalhar como monitora? Já gostava de praticar atividade física? E seus pais, o que é que eles achavam?

L.B. - Era o meu pai. Foi ele que me iniciou.

J.C. - Por que? Ele era...

L.B. - Ele me levava à praia.

J.C. - Ele já levava à praia?

L.B. - Não. Não, ele era professor, mas de geografia e história.

J.C. - Ah, sim.

L.B. - Mas, ele levava muito os filhos à praia. Nós somos quatro irmãos.

J.C. - São quatro irmãos? Só a senhora de mulher, ou tinha mais mulher?

L.B. - Não. Três mulheres e um homem.

J.C. - Eram mais velhos ou mais novos?

L.B. - Um mais velho, o homem. As outras duas, mais moças do que eu. Eu tinha um tio irmão do meu pai que também tinha quatro filhos: uma mulher e três homens. Era o contrário.

J.C. - Entendi.

L.B. - Nós éramos três mulheres aqui e três homens lá. Então, nós íamos juntos à praia, entendeu?

J.C. - Passear e jogar?

L.B. - Não. Meu pai me ensinou a nadar. Fazia a gente correr. Íamos ao Jockey Club. Ele nos levava ao Jockey, porque ele queria assistir às corridas. Ele levava e ali no gramado, perto da arquibancada, tem um gramado. Ele fazia a gente ficar correndo. Fazia torneio: “quem ganhar, ganha isso assim... vai pagar um negócio... não sei o que” Ele incentivou.

J.C. - A senhora gostava?

L.B. - Adorava!

J.C. - Foi cada vez se envolvendo mais?

L.B. - Adorava.

J.C. - Ele não trouxe a sua...

L.B. - Vai ficar frio. Tem uma amiga minha que não toma. Cadê o açúcar? Raimundo! Raimundo! O açúcar vai ficar frio.

J.C. - Então, seu pai incentivava vocês a estar nadando e jogando?

L.B. - Minha família ia para praia com ele.

J.C. - E a sua mãe, gostava ou achava isso ruim?

L.B. - A mamãe? Não. Ela gostava que a gente fosse à praia, mas ela não ia.

J.C. - Foi nessa época, que eu tenho lido nos livros, que as mulheres geralmente eram criadas para ser mãe, dona de casa, de ficar mais recolhida e aprender as tarefas do lar, como cozinhar. Pelo visto, a senhora foi um pouco diferente.

L.B. - A minha virada, a minha diferença para outra irmã era de quatro anos. Da outra para outra, de quatro. Então, elas eram muito pequenininhas, mas já estavam querendo fazer. Quando eu tinha oito anos, a outra tinha quatro, entendeu? Eu tinha doze, a outra tinha oito. Então, quando eu estava com doze, já estava jogando.

J.C. - Entendi. Então, os seus pais não faziam questão que a senhora ficasse em casa para aprender essas outras tarefas do lar?

L.B. - Não. Papai me levou para fazer o curso de datilografia na escola Remigtin, na rua Sete de Setembro. Nós pegávamos o bondinho ali na Galeria Cruzeiro. Dava ponto, parava ali no automático que tinha.

J.C. - Então, com isso ele já pensando que se você tivesse que trabalhar, não teria problema?

L.B. - Já, já. Eu ia ser professora. Estava no Instituto de Educação. Vi meu nome entrando no Instituto. As minhas irmãs entraram para uma escola profissional. Aprenderam a cozinhar e costurar. Eu, não. No Instituto de Educação tinha muito esporte. Tive quatro professores e quatro modalidades. Tinha atletismo, voleibol, dança rítmica. A outra também era mais esporte, fazia ginástica, de um modo geral, exercícios físicos.

J.C. - Então, os seus pais não se incomodavam, não tinham nenhuma resistência?

L.B. - Não.

J.C. - E por parte da família ou outras pessoas da sociedade?

L.B. - Não. O que eu ouvi é que o que mais chocou as pessoas é que eu quis aprender a dirigir automóvel. O meu grande choque foi esse.

J.C. - É que não era muito comum isso.

L.B. - Não. Eu fui a quinta mulher a dirigir. Acontece que eu passava na praia de Botafogo quando eu passava... Eu e meu irmão compramos em sociedade, com todo o dinheiro que meus pais juntaram para nós na caderneta de poupança. Naquele tempo tinha! Madrinha dava dinheiro no dia do aniversário e no Natal. Botavam na caderneta para nós. Com esse dinheiro que nós dois juntamos, eu e meu irmão, que é mais velho do que eu dois anos e estava no Colégio Militar, compramos esse carro. Ele saía à noite e eu de dia. Então, nós compramos em sociedade. Quando fui tirar a carteira, o examinador, que era o diretor, me reprovou no exame. A gente fazia o exame num Jipe. Eu senti que ele não queria me dar a carteira, entendeu? Porque ele disse: “a senhora é a quinta mulher” Ele não estava querendo dar. É o Estrela, chama-se Estrela. Ele é muito conhecido até hoje. Os motoristas lembram dele, porque era muito exigente. Só tirava quem soubesse dirigir mesmo. Depois, no segundo exame... No primeiro, ele me mandou eu parar numa subida.

J.C. - Ladeira é o pior.

L.B. - Ele disse: “Pára, pára, segue...” Quando eu fui subir, andei muito pouco para trás. Não dava nem pra bater em ninguém, mas ele me reprovou.

J.C. - Reprovou?

L.B. - Ele me reprovou e eu, então, na semana seguinte...

J.C. - Então, foi preconceito de mulher mesmo. Que mulher não sabe dirigir, não tem que tirar carteira.

L.B. - Na semana seguinte, eu fui e ele disse: “vira à direita”. Eu disse: “Não posso. É contramão. É proibido entrar”. Ele riu. Depois, me levou para teoria: “esse sinal o que é?” A parte teórica é que era muito chata. Mas ele me deu a carteira e disse: “você vai dirigir ao lado do motorista porque você tem menos idade”.

J.C. - Não tinha ainda a idade?

L.B. - Não. Tinha dezesseis anos, mas quis tirar.

J.C. - Mas pode tirar?

L.B. - Ele fez o exame, eu passei. Quando ele viu que eu tinha dezesseis anos ele disse assim: “existe essa carta mirim. Até os dezoito anos, você só vai poder dirigir, se tiver um motorista capacitado do seu lado”.

J.C. - Entendi.

L.B. - Então, foi assim que comecei.

J.C. - Começou a dirigir.

L.B. - Quando eu passava dirigindo, com o motorista do meu avô do lado, com carro do meu avô...

J.C. - É claro.

L.B. - Eu ouvia assim: “ô mulher, vai lavar roupa! Vai pro tanque, Maria!”. Gritavam naqueles caminhões abertos, aquela gente que vinha do Norte do Nordeste para ser pedreiro. Gente que não tinha muita educação. Eu ouvi muito isso, mas não estava dando bola. Meu negócio era que eu agora estava de carro porque antes eu andava de bondinho. Eu saía de bonde até a Praça da Bandeira. Eu morei na Osvaldo descia na Lapa. Da Lapa, ia até a Praça da Bandeira e ia a pé para Mariz e Barros. Passei esses anos todos até me

formar com dezesseis. Com dezesseis, eu já era monitora e depois auxiliar. Já estava com um carrinho.

J.C. - Poxa, que bacana!

L.B. - Depois, tivemos que vender o carro. Eu fiquei sem carro algum tempo. Até quando ela me mandou pra Ilha do Governador, eu estava sem carro. Fiquei juntando um dinheirinho pra comprar um carro, mas só comprei quando sai vereadora.

J.C. - A senhora deve ter ouvido muito essas encarnações e preconceitos, não só quando estava aprendendo, quando estava dirigindo, mas também quando era vereadora. Ou quando era professora.

L.B. - Não. Como vereadora, não. Como vereadora eram quatro mulheres.

J.C. - Foram quatro mulheres. Quatro mulheres e não sei quantos homens. Eles eram a maioria.

L.B. - Eu, a Sagrastos de Savero e duas comunistas Arcelina Mochel, média e uma telefonista.

J.C. - E, lá dentro, eles respeitavam a opinião das mulheres?

L.B. - Depois da eleição pra presidente em 1945 trabalho de Bertha Lutz, quando houve aquela campanha toda, aquele movimento, eu fiquei em evidência e minha popularidade foi crescendo. Então, começamos a trabalhar para mulher ter direito de votar. Eu lembro que ela até votou em mim. Depois, no código civil, ela mandou várias contribuições. Eu disse que era dela, está nos anais. Se fizer uma pesquisa da minha atuação política, você vai encontrar. Eu quis mudar muita coisa porque, imagina, se você casar e tiver um filho e vier a se separar, pelo código civil, é o avô paterno que vai ficar com a criança.

J.C. - Nossa!

L.B. - Pra você ver como é que a lei era. Bertha Lutz me chamou a atenção e nós mudamos. A criança devia escolher, o juiz tinha que perguntar à criança.

J.C. - Pelo visto, a senhora deu muitas contribuições também para que as mulheres tivessem mais autonomia na sociedade.

L.B. - Inclusive, eu consegui esse negócio da Academia, que permitiu as mulheres entrarem.

J.C. - Academia Brasileira de Letras?

L.B. - Eu consegui também os vinte e cinco anos para as professoras se aposentarem.

J.C. - Mas por que antes era o que a aposentadoria era maior?

L.B. - Era igual do homem. Depois, a mulher também recebia menos que o homem, simplesmente porque era mulher. Nós conseguimos fazer a igualdade.

J.C. - Fez o que? Igualou os salários?

L.B. - Ela achava um absurdo porque ela era advogada e também contribuía na Zélia Pinheiro. Ela mandava pra mim cartas sugerindo coisas. Também falava diariamente, pois, durante o dia, eu falava muito. Era transmitido por rádio a sessão de duas às cinco da Câmara. Como eu agia muito, fui criando eleitores sem saber. Eles foram acompanhando a minha vida e eu ganhei dez eleições. Coisa que eu acho que nenhuma mulher vai bater.

J.C. - Realmente, é muito difícil.

L.B. - Sabe porque eu ouvi tanta gracinha? E como eu ouvia coisas horríveis! Eu ouvi cantadas homéricas. Porque eu não era feia. Ainda tinha costureiro, Hugo Rocha, que desenhava roupas para mim.

J.C. - Então, estava sempre bem vestida.

L.B. - Ele me maquiava. Ele mesmo me penteava. Eu fazia permanente todos os dias porque o meu cabelo é isso que você está vendo aqui.

J.C. - Liso, liso.

L.B. - Então, eu usava permanente.

J.C. - Pra enrolar o cabelo [risos].

L.B. - Fotografias. Você já pegou aquela de quando eu não era mais com a Yara? Quando eu era, eu não trouxe pra você. Quando eu fui homenageada, faz pouco tempo, fizeram fotografia minha desde o colo, ao lado dos meus pais.

J.C. - Que legal!

L.B. - Agora fizeram no teatro Baden Fower, em Copacabana uma grande homenagem a mim, a Nora Ney que faleceu logo depois, ao Luiz Vieira. Foi um *show* que a FUNJOR - Fundação José Ricardo que fez. Aquele rapaz, que morreu, mas que cuidou da Linda Batista, da Dircinha quando elas estavam na miséria. Foi ele que cuidou dela, que lhe deu casa. Ele morreu, mas os filhos e a viúva gostam muito de mim, pois sabiam que vinha muito. Então, eles me procuraram e eu sou uma das madrinhas da FUNJOR. Eles resolveram me prestar uma homenagem há uns quinze dias atrás.

J.C. - Ah é?

L.B. - Foi lá, estava bonito. Eles pediram as fotografias. Eu não sabia, pois foi um amigo meu que veio pedir dizendo que estava querendo pra fazer um trabalho. Dei as fotos e depois que fui convidada pra assistir ao “show”.

J.C. - Nossa! Deve ter sido lindo.

L.B. - Fui pensando que era para a Nora Ney e eu tive aquela.

J.C. - Surpresa e tanto. Que bacana! A senhora chegou a se casar e ter filhos?

L.B. - Não. Eu fui noiva de um oficial que faleceu há pouco tempo. Ele ficou muito meu amigo, mas casou quatro vezes. Eu tinha que casar com ele, porque eu fiquei noiva. Ele era aviador, colega do meu irmão. Ele foi servir no Paraná e arrumou a casa toda para casar comigo. Eu fiquei aqui no Rio na minha casa, mas estava disposta, já estava noiva. Mas, enquanto ele estava fora, apareceu na minha casa uma moça com uma criança no colo, uma menina. Ela entrou e mamãe recebeu e disse: “eu sei que ele vai casar, essa menina é filha dele” Mas, ele casou? “Não. Foi num romance. Ele pulava a janela” Aquela coisa assim: “não sei, mas o que e tal”. Contou pra mamãe: “ele não casou comigo, pois eu tenho outra pessoa. Não estou fazendo questão disso, mas quero que saiba que essa menina é filha dele”.

J.C. - Deve ter sido uma decepção.

L.B. - Eu não vou começar a minha vida cuidando de filho dos outros. Já não estava muito engrenada, por causa do esporte e mais uma porção de coisas, com dezoito anos.

J.C. - A senhora era bem nova.

L.B. - Dezoito anos. Eu tinha me formado. Eu disse assim: “não vou não” Eu tocava bem violão, gostava muito de música. Ele veio ao Rio e quando ele chegou eu falei com ele. Pensei que ia me matar, mas não me matou.

J.C. - Mas por que ele mataria? Ele que fez algo errado.

L.B. - Ele usava um revólver no porta-luvas e eu estava no carro com ele.

J.C. - Porque a senhora falou que não queria mais o noivado, queria terminar.

L.B. - Ele tinha uma menina e disse sobre a mãe: “mas ela é uma vagabunda” Quando ele falou que a mulher era vagabunda, aquilo me feriu porque pensei: “é vagabunda, mas ele fez um filho nela”. Porque eu já ouvia aquela história do tanque e mais não sei o que. Pra

mim, com dezesseis anos era complicado. Ele disse assim: “não, espera, eu estou errado. Deixa eu ir embora porque isso não vai dar em nada” Minhas irmãs casaram e eu fui a única que não casei. A mamãe tinha vontade que eu casasse com ele, apesar disso, ela ainda queria.

J.C. - Apesar disso.

L.B. - Ela gostava dele, mas ela ouviu a história quando eu disse no carro. Pensei que ele fosse me dar um tiro, me baleiar, mas pensei: “ele vai me ouvir”. Ele pediu licença e ficou um mês sem poder voar. As irmãs dele foram lá em casa e eu expliquei pra elas. A mamãe ficou assim, mas o papai não gostava dele porque o pai deles era casado três vezes. Ele achava que não ia durar muito comigo.

J.C. - Podia fazer o mesmo com você.

L.B. - Ia fazer isso! Ia me largar e papai não gostava. Mamãe gostava, mas e eu acabei. O coração valeu, o que valeu foi eu não quis ficar com aquela criança. Ele fez exame, teve que fazer exame de DNA.

J.C. - E era...

L.B. - Deu positivo e fiquei ainda com mais raiva dele.

J.C. - Não dá pra se relacionar com uma pessoa assim.

L.B. - Não. Depois, você sabe, apareceram alguns camaradas, tipo gigolô. Eles achavam o seguinte: como eu era mulher e estava em evidência, precisava de um homem ao meu lado. Mas, eu não ia alugar homem. Aquilo estava me fazendo mal. Eu posso levar a fama que for, não estou ligando, mas eu não vou me sujeitar a esse tipo de coisa. Então eu passei a minha vida toda sendo muito observada de todos os lados: “é mulher tal, gosta de mulher!”.

J.C. - Porque aquelas mulheres que saíam daquela coisa tradicional de casar, mesmo sendo traída e de serem obrigadas a ficarem em casa fazendo comida, as pessoas já viam com outros olhos.

L.B. - As pessoas que são da minha família e meus amigos sabem. A coisa era essa. Houve muita maledicência até com a minha irmã. Ela teve ameba eu ia todo dia à casa dela. Botava ela no meu carro e ia de carro dar umas voltas. Ligaram para o meu cunhado dizendo: “você toma cuidado porque ela está saindo muito”. [risos] Até isso!

J.C. - Nossa!

L.B. - Não me importava. Passei oito anos em Brasília também sendo observada porque eu contrariei muita gente. Eles mandavam umas mulheres interessantes, umas loiras alinhadas: “você não quer jantar?”. Eu dizia: “não tenho tempo, não, minha filha! Não tenho tempo pra minha família e para os meus amigos, como é que eu vou jantar com você?”. Eu dava cada fora.

J.C. - Olha...

L.B. - As armadilhas comigo foram muitas. Estou com oitenta e quatro anos e não dou bola, porque eu lembro do passado e digo: “meu Deus do céu!”.

J.C. - Quanta coisa já passou.

L.B. - Eu moro sozinha nesse apartamento há trinta anos. Os vizinhos todos me conhecem e eu não ligo. Pra mim, o meu conceito está feito. Agora, o que dizem eu não me incomodo. Tenho adversários que são da esquerda, que não deixaram o meu retrato sair no Palácio do Catete. As mulheres que venceram eleições no Brasil.

J.C. - Não colocaram?

L.B. - Quando chegou a minha vez, tiraram a minha fotografia e disseram: “porque tem uma mulher que infelizmente é uma professora primária”. “Devem ter uns sessenta e

poucos anos e fugiu do país no tempo da revolução”. Ficaram com ódio de mim porque eu era da ARENA na revolução. A única mulher eleita para lá. Resolveram que o meu retrato não podia sair e acabou.

J.C. - Isso é tão pequeno, tão mesquinho.

L.B. - Eu sou vítima dessa coisa. Essa moça que tirou meu retrato, para descobrir, foi um custo. Andou ligando pra minha casa para dizer que eu era isso e aquilo, para dizer que eu mandei matar gente na revolução. Eu digo: “olha, eu não sou Sandra Cavalcante não” Sobre a Sandra Cavalcante, disseram que jogou mendigo no rio e ela não processou. Eu processo. Se você disser mais alguma vez eu vou lhe procurar e vou lhe processar até para...

J.C. - Nossa!

L.B. - Parou há pouco tempo, há quatro anos atrás. De quatro anos para cá que pararam de me incomodar. Com oitenta anos eu ainda me aborrecia. Eu não tive retrato ali. Na exposição, todas as mulheres são de esquerda que ganham vinte e tantos mil de pensão do marido, pois disseram que o marido foi torturado e morreu na revolução. Mentira! Se você for pesquisar, o filho da Zuzu... Eu não sei o que houve com ela, mas não foi morta por ninguém. Ela andava a cento e quarenta. Cruzava comigo na Barra, quando eu vinha da Barra, naquele tunelzinho, o primeiro que é aberto, onde ela capotou. Eu vi a fotografia agora. Nós passávamos ali e eu sempre sabia que era a Zuzu. Ela bebia muito e não andava a menos que cem. Ela passava por mim a mais de cem. Então, na certa, ela capotou bêbada e morreu. Depois, quem vê a filha dela que fica chorando porque foi comuna a Hildegard Angel é filha dela, então bota no jornal conta que houve isso e aquilo. Posso garantir a você que ela não foi morta. O filho dela, eu não sei, mas acho que ela não foi. Fizeram aquele enredo todo, a história saiu da cabeça de quem escreveu. Ele assistiu? Eu quero saber se a pessoa assistiu à cena para descrever. Não! Eles estão escrevendo sobre a revolução em cima de hipótese: “eu acho que houve isso” Então, eles escrevem que o governo mandou matar beltrano e tal. Comigo não adianta, porque no meu período, do Geisel e do Figueiredo, ninguém foi torturado. Ninguém. Posso dizer a você que não houve tortura, entendeu? Nem o Golbery conseguiu. Ele foi demitido. Figueiredo tirou. O

Figueiredo foi aluno do meu pai. Eu não ia criar problema com os militares. Estava criando problema e foi afastado. Nem era mau. Esse era mau. No meu tempo, eu não sei se ele torturou ou matou alguém. Não boto minha mão no fogo. Ele era homem de fazer isso. Pela cara dele, no olhar dele. E ele quis tirar o meu mandato, mas não tinha direito, pois eu fui eleita pelo povo. Como acho que ninguém tinha o direito de tirar o Collor. O Collor foi eleito por quatro anos, Mas com dois anos tiraram o Collor com o “impeachment”. Quem tirou? Deputados, senadores e três militares. O que é que isso? Não pode! E o povo? O povo não fez nada. Por isso é que digo a você que a gente fica enjoado. Ele foi eleito por quatro anos e ficou por dois. O outro vem e critica o Fernando Henrique e está fazendo pior que o Fernando Henrique. A gente não sabe mais onde vai parar. Se eu for pensar na minha vida, eu só tiro o chapéu pra uma meia dúzia só. É isso. Você pode me perguntar o que quiser.

J.C. - Não, eu já...

L.B. - Isso aqui é pra você, para tirar ali.

J.C. - Vamos ali pra fora. A gente tira xerox. A senhora tem o reconhecimento de que contribuiu muito, não só para a Educação Física, como pra sociedade de uma forma geral e, principalmente, pras mulheres? Tem essa consciência?

L.B. - Tenho. Tenho consciência de que eu trabalhei honestamente e fiz o que pude, dentro das possibilidades. Não fiz mais. Eu sou autora, por exemplo, do banco do leite materno. As crianças estavam morrendo por falta de leite enquanto outras mães tinham em abundância, chegando a jogar fora. Eu fui e criei o banco do leite materno, que existe até hoje. Tem o banco de sangue, tem o banco de leite. Só que eles nunca deram muita importância, não fizeram nenhuma sede boa pra funcionar em algum lugar e até hoje funcionou numa escola. Agora, está funcionando não sei onde, pois para isso, eles não ligam muito. Não sou dessas de ficar seguindo instituições, porque eu não gosto. Chazinho das cinco? Eu tomo o meu sozinha ou com quem estiver comigo, mas não entro nessas coisas. Não quis entrar mais em política. Não quis mais entrar em instituição nenhuma. Sou talvez a número um da Educação Física. Pois nós fundamos, foi o professor Manoel que fundou. Eu devo ter o número um. Eu era lá da Educação Física, mas ele tinha de ir

porque entraram pessoas que estava se candidatando à idéia dele. Quando eu fui eleita eu não era nada disso não. Foi anos depois. Eu nunca me servi, está compreendendo? De nenhuma instituição pra me eleger. Agora, quando eu criei a lei das professoras primárias, eu já era vereadora pela Federação. O Estado do Rio pediu e eu cheguei aqui em outubro. Nunca pedi nem cópia de endereço de professor pra mandar propaganda. Me excluí. Na Educação Física fiz o mesmo, mas quando eu ia votar, comecei a ver as coisas e falei com a Fernanda: “Não estou gostando!”. Alguns falavam: “aquela moça vai se candidatar pra vereadora? Ela não é boa e não sei o que”. Eu disse: “não vou mais não. Não vou participar disso. Eu não vou”. E ainda disse assim “eu não vou botar azeitona na empada de ninguém” e saí fora. Não quero mais fazer esse trabalho e não fiz mesmo. Não entrei mais em nenhum partido. Desde que abandonei não entrei mais em partido nenhum.

J.C. - Quando a senhora abandonou a política, ficou trabalhando ou se aposentou?

L.B. - Não. Quando eu estava me aposentando.

J.C. - Parou de trabalhar?

L.B. - Parei de trabalhar e comecei a escrever as minhas memórias. Gravei, quer dizer, estou gravando. Então, inclusive eu vou dar pra você o endereço desse “site”: www.velhosamigos.com.br porque lá, eu conto a história da deposição do Jânio. E ninguém me contestou.

J.C. - É. Não pode.

L.B. - Qualquer dia aparece, o fulano é isso! Que beltrano, o deputado, a reforma da política. Se eu descrevesse como é que era mesmo, os vereadores vão me matar. Eu acabo com a câmara dos vereadores, porque, na verdade, não precisa a câmara dos vereadores. Pra quê? Se existe um administrador regional em cada bairro, que é um funcionário público e recebe uma gratificação pra saber o que o bairro precisa e depois mandar pro prefeito: “Essa rua está com um vazamento d’água, aqui não tem luz” Isso que é o papel do vereador. Então, se você pode manter isso, já está na despesa, está previsto no orçamento,

então, pra quê mais. São cinco mil, seiscentos e quinze câmaras de vereadores nos municípios no Brasil. Cinco mil e você sabe que há municípios.

J.C. - Que gasto!

L.B. - Eles não arrecadam pra pagar os vereadores, nem os funcionários. Não fazem mais nada. Por exemplo, Paty do Alferes fica a um quilômetro de Miguel Pereira. Antes era distrito e passou a ser município, por que? Porque o Lula queria aumentar no país para o PT ficar forte. Ele queria ser presidente e tomarem conta. Eles querem tomar conta. Eles agora vão achar. a minha opinião vai ser o parlamentarismo.

J.C. - A senhora acha que é uma tendência nesse governo?

L.B. - Agora com o Lula vão tentar novamente. Já tentaram, ele não foi o primeiro. Já tentaram. Gente da escola dele. Já tentaram, mais o povo entendeu e se deu conta. Então, passou, mas agora eles vão tentar novamente. Eles vão tentar a reeleição, mas com parlamentarismo conseguem tirar o Lula. Quer dizer, estamos fazendo bobagens, entendeu? A gente fica envergonhada lá fora.

J.C. - É. Está bem complicado.

L.B. - Não tem, entendeu? Você olha e vê que ele não tem a postura de presidente. Aquele chapeuzinho, aquele negócio todo. Tinha que botar roupa a rigor, mas não quis botar. Uma tragédia, mandou fazer dezesseis.

J.C. - Deixa eu perguntar.

L.B. - Eu estou apavorada, mas estou afastada.

J.C. - Já se envolveu demais?

L.B. - Não. Eu me envolvo muito porque eu gosto das coisas certas. Não sei se é porque a nossa disciplina da Educação Física.

J.C. - Tem muita disciplina a Educação Física.

L.B. - Sou neta de militar, filha de militar, irmã de militar.

J.C. - Já foi criada nesse ambiente.

L.B. - Quando meu avô foi comandante de brigada, ele morava no quartel na vila militar, em Magalhães Bastos. Eu fui aluna até o quarto ano primário na escola em Deodoro de Fonseca.

J.C. - Deixa eu perguntar pra senhora: como é que foi o seu ingresso nessa turma de emergência ? A senhora já era monitora, mas como é que ficou sabendo? Foi convidada? Porque eu acho que era convite, não era?

L.B. - Não. Quando eles pediram licença para funcionar no Instituto no Ministério, falaram comigo. Os professores de Educação Física antigos disseram: “Lygia, estão pedindo...”.

J.C. - Os que eram professores de Educação Física do Instituto participaram também?

L.B. - Não. Eles já eram.

J.C. - Eles eram professores desse curso?

L.B. - Eles tinham certificado. Não foram professores desse curso. Eles eram professores do Instituto de Educação da prefeitura. Eles eram contratados.

J.C. - Qual era a formação deles?

L.B. - Não sei, porque uma vinha de fora. A dona Margarida era uma senhora estrangeira e estava ensinando danças rítmicas. A dona Dagmar era voleibol, mas era uma coisa muito primária. A dona Lúcia já fazia educação física e o Everaldo era atletismo.

J.C. - Os alunos do Instituto de Educação...

L.B. - Eu era monitora por escolha deles e auxiliar de ensino. Como auxiliar de ensino eu soube que no trinta e oito ia haver um curso de emergência. Eu já estava lá, e tinha que esperar minha nomeação. Então, eu fiz o curso.

J.C. - Entendi.

L.B. - Fiz o curso e tirei o primeiro lugar. Eu treinava muito e estava o tempo todo envolvida na coisa. Jogava no Tijuca.

J.C. - Já participando do curso?

L.B. - Já.

J.C. - Por causa das notas boas é que foi convidada para dar aula na escola?

L.B. - Eles inauguraram a escola e o major Lima mandou me chamar. Ele nem sabia da minha classificação. Eu estava no fim do curso.

J.C. - Não sabia?

L.B. - Foi então que eu soube que eu tinha sido primeiro lugar.

J.C. - Por que ele mandou chamar a senhora em especial?

L.B. - Pra me contratar pra lecionar na Escola Nacional de Educação Física.

J.C. - Como é que ele tinha o conhecimento do seu trabalho?

L.B. - Porque as notas ficavam. Os professores davam as notas e ele era o diretor da emergência. Porque era federal, era do Ministério da Educação. Acho que os homens na Urca e nós, as mulheres, viemos para constituir nesse curso. Eu continuei no Instituto porque eu já dava aula ali e dei pra Tônia Carreiro no terceiro ano. Eu estava no quinto

sexto e dava aula pra ela, que estava no terceiro ano. A diferença de idade entre eu e ela é de dois anos.

J.C. - No próprio Instituto?

L.B. - No próprio Instituto. Então eu continuei ali até quando ele me chamou para trabalhar nos surdos e mudos, em Laranjeiras. Então, eles me contrataram. Assinei tudo direitinho e comecei a dar aula prática no Fluminense. No Fluminense, trabalhei até o fim do ano, quando então saiu a minha nomeação como estagiária. Eu tinha esquecido. Primeiro, as professoras saíam estagiárias, depois é que elas eram efetivadas. Como era um cargo efetivo, optei pela prefeitura.

J.C. - Mesmo o estágio era efetivo?

L.B. - Sim. No estágio já era chamada efetivamente. Levei quase dois anos para ser chamada.

J.C. - Esse estágio, a senhora fez aonde? No Instituto de Educação também?

L.B. - No Instituto de Educação.

J.C. - Esses dois anos de estágio?

L.B. - No meio desses dois anos de estágio, fui chamada para ensinar na Escola Paulo de Frontin. Na escola técnica, porque no Instituto já tinha os professores.

J.C. - A senhora foi então pro Paulo de Frontin fazer esse estágio de dois anos?

L.B. - De dois anos.

J.C. - Depois que foi para a Ilha?

L.B. - Depois é que eu fui para ilha.

J.C. - Antes foi pra onde?

L.B. - Não fui para Ilha não. Fiquei oito anos em educação física na escola Paulo de Frontin trabalhando. Completava meu horário, pois tinha que dar um número certo de aulas por semana. Quando não tinha aula para dar na Paulo de Frontin, eu ia dar aula na oficina ou ia para o Instituto de Educação, visitar o pessoal.

J.C. - A senhora ficou oito anos só trabalhando com Educação Física?

L.B. - Oito anos só com a Educação Física. Quando chegou a eleição de 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45. Sete anos depois, eu já estava trabalhando. Trabalhei com Eduardo Gomes. Votei no Eduardo Gomes pra presidente. Houve um comício no Largo da Carioca que o Hérmes de Lins, ia entregar o livro de ouro pro brigadeiro, mas ele tinha uma doença e estava tão nervoso que na hora, ele sentou passou mal. Ele me deu o livro e quem foi levar fui eu. Os jornais todos publicaram e no dia seguinte a dona Santinha me mandou jogar na Ilha do Governador. Saí da Educação Física para ir para o quinto ano primário para ensinar o programa do quinto ano primário. Eu estava acostumada a dar aula para o primeiro ano, como é que eu ia dar o quinto? Tive que estudar feito uma doida a programação. Oito horas por dia.

J.C. - Então, te tirou da educação física do Paulo de Frontin pra te jogar para Ilha.

L.B. - Pra Escola Abelardo Feijor, na Ilha do Governador.

J.C. - E não era para trabalhar com Educação Física?

L.B. - Não. Nada. E tem mais uma coisa. Tinha que tomar um bonde às nove da manhã e só voltava às nove da noite, porque na última barca, eu não podia vim. Era um horário era horrível. Ela me perseguiu mesmo.

J.C. - Nossa!

L.B. - Me perseguiu. Por isso é que o pessoal foi pedir, em meu nome, porque eles se sentiram culpados, entendeu?

J.C. - Entendi. A senhora começou a se envolver com a política a partir daí?

L.B. - Fui eleita e tomei posse e continuava estudando.

J.C. - Parou de lecionar?

L.B. - Parei pelo seguinte: tinha que estudar a constituição do Brasil, as leis orgânicas e o regimento interno da câmara porque eu queria saber na hora em que eu tivesse que falar. Eu podia pedir um tempo. O que é que eu podia fazer? Tinha que estudar tudo e meu pai estudava comigo, me dava aula, tomava aula. O tempo todo que fui parlamentar do Rio, levava a ordem do dia seguinte pra casa pra estudar, pra ver quais eram os projetos e sobre quais que eu ia falar. Quais eram os assuntos que eles iam abordar. Eu levava aquilo a sério. Eu levava a sério e não falava só. Eu levava coisas que eu apanhava e coisas que eu achava interessante pra botar no meu discurso.

J.C. - Entendi...

L.B. - Fazia leituras. Citei muito muita gente como Rui Barbosa. Era só caber na discussão da matéria.

J.C. - Em todos esses seus mandatos, a senhora olhava pela Educação Física também?

L.B. - Quando quiseram acabar com a Educação Física, eu não deixei. Estava em Brasília. Disseram que era para não ser mais obrigatório. Eu e a Fernanda fizemos um parecer bem escrito. Não tinha como fazer estardalhaço, porque eu não tinha imprensa a meu favor. O Roberto Marinho proibiu o meu nome no Globo. Eu não saía nem na rádio, nem na televisão, nem no jornal, porque não deixei o Carlos Lacerda dar pra ele o Parque Laje. Ele pediu o Parque Laje na Rua Jardim Botânico. Levantou um prédio e do muro para lá, a mais de um menos um quilômetro. Eu disse para o Carlos: “faz uma escola com teatro, desenho industrial. O que for, mas não dê para o Roberto Marinho. Eu disse pra ele:

“cuidado, olha o bondinho do Pão de Açúcar”, deram a concessão para o sujeito que até hoje paga por ano cinquenta reais. O que é que é isso? Só o que ele ganha de passagem e o Estado não arrecada nada.

J.C. - É assim até hoje?

L.B. - Não sei se aumentaram. Devem ter aumentado. No meu tempo, eu cheguei a dizer.

J.C. - Nossa!

L.B. - O Carlos Lacerda foi dizer pro Roberto Marinho: “não posso te dar, porque a Lygia disse pra mim que não pode” Então, ele ficou com ódio de mim.

J.C. - Fechou as portas da imprensa.

L.B. - Ele fez o seguinte: como ele tem quarenta e nove por cento de ações do Jornal do Brasil e de O Dia, pois eles estavam falindo outros jornais, comprando as ações. Eu fiquei sabotada. Só saía na Tribuna da Imprensa ou na Hora do Brasil. Na Hora do Brasil, você ouvia meu nome. Fora isso, meus eleitores não sabiam o que eu estava fazendo. Eu mandava de Brasília, todo assunto que eu tinha, mandava pra muitos eleitores que estavam interessados. Mandava pelo correio pra eles porque o correio eu tinha de graça. Podia mandar até quatrocentas cartas por mês, dar cem telefonemas por mês. Hoje, está uma orgia. Você não tem mais nada. Tem até aposentadoria.

J.C. - Não tem mais esse controle? É liberado?

L.B. - Eu não sei quantas são, mas não deve ser mais controlado. Não sei quantos são, só sei que piorou muito.

J.C. - A senhora contribuiu bastante. Interessante. Acho que eu já perguntei tudo. A senhora lembra de mais alguma coisa? Sobre a luta pelo direito das mulheres?

L.B. - Pelas mulheres eu trabalhei junto com a Bertha Lutz, que foi a pioneira. Ela e a Mesquita na parte mais de saúde trabalharam bastante pela mulher. A Bertha foi a presidente da Federação e continua fazendo reuniões, escolhendo em cada especialidade uma mulher para premiar. Isso é estímulo também e então, ela continua. Tem muitas mulheres que eu conheci, como a Adalgiza Nery. Eu fiquei fã dela pelas suas atitudes na Câmara. Uma pessoa honesta, muito correta. Há outros episódios que eu lembro. Procurei corresponder à expectativa do eleitorado e sinto que consegui. Para dizer: “se nós tivéssemos dez pessoas iguais a você, fazendo as coisas como você, não estávamos assim”. Eu digo: “bom, isso é o que me faz ficar feliz porque ao menos eu sinto que...”.

J.C. - Há reconhecimento.

L.B. - Vocês acompanharam o meu trabalho. Valeu a pena ser honesta, não é? Apesar do Rui Barbosa ter tido a decepção, dizendo que estava com vergonha de ser honesto, mas vergonha a gente não pode ter.

J.C. - Ele falou isso?

L.B. - Estava em algum discurso que ele fez.

J.C. - Ah é?

L.B. - Eu li isso. Quer dizer, ele ficou tão desanimado e triste. Embora hoje é o que se vê por aí. Nós que acompanhamos tudo, sabemos que realmente é uma inversão. Não dá. Dá desanimo por essa decepção, mas não só por isso. É um somatório de coisas. Você vai somando e vendo que as coisas não estão indo como nós queríamos, para frente, progredindo. Eu acho que está havendo uma decadência de costumes, porque as famílias antigamente, a gente sentia que família era uma coisa realmente importante e séria.

J.C. - É verdade.

L.B. - A gente sente que isso é a base, a família. Um país que não sabe levar.

J.C. - Não valoriza a família. As pessoas estão muito mais individualistas e egoístas.

L.B. - Estão. Está havendo muito vício. Você vê esse tráfico. Nossa imprensa dá páginas inteiras para os traficantes e pros assassinos. Esses homens sujos e escabrosos que andam por aí. Eles dão primeira página e vão falar na televisão, na hora nobre. No entanto, outras pessoas que estão trabalhando honestamente, estão fazendo alguma coisa.

J.C. - E merecem destaque.

L.B. - Você nem imagina. Há pouco tempo estava dizendo: “mas isso já vem de longe. Deixei de ser vereadora depois de ter feito cerca de dez leis. Porque os que estão interessados em enriquecer, em explorar as pessoas, tiraram o poder dos parlamentares, daqueles que são os representantes do povo, para dar mais poder ao executivo”.

[FINAL DO DEPOIMENTO]